

# **Implicações psicológicas no uso da chupeta\***

## **Psychologic implications in the use of the dummy**

*Sonia Pires\*\**

René A. Spitz relaciona o uso da chupeta a um momento específico da vida do bebê: a cólica dos primeiros três meses. Descreve que crianças institucionalizadas não têm cólicas desse tipo específico. Faz então uma relação direta entre a extrema dedicação da mãe e a cólica da seguinte forma: os primeiros meses de vida do bebê são de extrema passividade e dependência. Os sinais do que sente, como dor, fome, frio, desamparo, etc., ainda não podem ser emitidos de forma discriminada porque desconhece de onde vem o desconforto, apenas o sente de forma corporal e indefinida. A mãe, portanto, vai servir de codificadora durante seu contato com ele, mas nesses primeiros meses desconhece, tanto quanto o bebê, o que o incomoda. O único e primeiro sinalizador é o choro. Mas não exatamente pelo leite. A mãe percebe que o seio acalma, aplaca a insatisfação. É um momento de reencontro, onde a mãe e o bebê se tornam "um" novamente, como na gravidez. Spitz se pergunta se o choro do bebê muitas vezes não viria do desconforto causado pelo afastamento prematuro que nós, humanos, sofremos do corpo da mãe. Cita os povos que carregam seus bebês presos ao corpo o tempo todo, ou mesmo quanto o embalado no colo tranquiliza.

Podemos concluir que muitas vezes o choro indiscriminado do bebê tem origem na sensação de desamparo, que nem ao menos pode ser nominada, pois ele não dispõe de condições psíquicas para tanto. Seu único recurso interno ainda é advindo dos instintos de vida e morte<sup>3</sup>, que sinalizam suas sensações e põem em ação o corpo em busca de satisfação. Portanto, quando sente algo que incomoda, a sensação é de aniquilamento, de morte, onde o instinto de vida se manifesta em busca de uma saída.

Quando a mãe oferece o seio, marca a boca como uma parte do corpo que afasta o desprazer; é a forma como é inaugurado o aparelho psíquico, o primeiro registro. O bebê ainda não tem a noção de que o seio é algo que vem de fora, de outra pessoa: vive uma simbiose com a mãe.

Voltando à cólica dos primeiros três meses, podemos pensar no que significa esse seio que chega, independente do que esteja incomodando, a única e primeira saída possível nesse momento. No entanto, como nem sempre é a fome que incomoda, esse leite chega a mais, sobrecarregando o aparelho digestivo, e em pouco tempo a insatisfação retorna, acrescida agora de cólica. A mãe oferece então o leite novamente, criando um círculo vicioso.

### **RESUMO**

Motivo de ansiedade entre pais, pediatras, dentistas e fonoaudiólogos, a chupeta tem sido considerada de forma concreta como prejudicial aos aspectos físicos da criança. Através de uma reflexão com foco no psiquismo tanto da criança como no da mãe, a "chupeta" toma nesse artigo outras dimensões que, pode-se dizer, a inserem na relação conflitiva e angustiante vivida por mãe e filho, justificando seu uso e conseqüências futuras.

### **UNITERMOS**

Chupeta.

\* Trabalho realizado no Comitê de Psicologia em Nutrição, da Sociedade Brasileira Multiprofissional de Nutrição Materno Infantil.

\*\* Psicóloga e Psicanalista. Especialização em Psicanálise pelo Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Comitê de Psicologia em Nutrição da Sociedade Brasileira Multiprofissional de Nutrição Materno Infantil.

É então que a chupeta é oferecida, interrompendo esse movimento, levando à tranqüilidade da mãe e do bebê e tornando-se um símbolo de afastamento do desprazer, do desconforto de ambos.

Spitz se pergunta por que será que a mãe resolve dar a chupeta. A resposta é simples: ela ficou exausta. Por outro lado, o bebê já mostra interesse em sugar outros objetos, ou mesmo o dedo.

Quando conclui dessa forma, penso que quer dizer que o bebê, ao descobrir que pode satisfazer-se com outros objetos na boca, inicia sua formação enquanto um “ser” um pouco mais diferenciado, graças à exaustão da mãe. Foi só quando ela faltou que ele pôde descobrir outro objeto; foi só quando ela abriu mão de ser o que o completaria, quando descobriu seu próprio limite, é que ofereceu a chupeta.

Logo, é na insatisfação que o bebê encontra outras saídas, dentre elas a chupeta. A possibilidade de seu uso é um sinal importante do desenvolvimento do psiquismo. No entanto, a falta completa é tão nociva quanto a saciedade de todas as necessidades do bebê. Estamos lidando então com medidas de falta.

Quando Spitz menciona que a criança institucionalizada não teria cólica dos primeiros três meses, quem sabe não seria porque não teve a oportunidade de ser atendida, mesmo que de forma “atravessada”, em seu desamparo, dando lugar à apatia, uma vez que suas manifestações de desconforto não provocam nenhuma mudança; talvez esta criança desista bem cedo de investir na vida. O bebê, quando nasce, como Spitz descreve, tem que lidar com algo que ainda não tem recurso, vive um terror interno por uma separação precoce do corpo materno. Colocar para fora a insatisfação é a saída possível para a descarga. Desde então, investir é uma necessidade humana vital, por mais complicado que seja. A energia que pulsa dentro do nosso aparelho psíquico tem que ter uma descarga, tem que ser colocada em algo, “relacionar-se é muito complicado, mas não fazê-lo é muito pior”. Aprendemos assim a investir no outro, no mundo, através da angústia que nos impulsiona para fora.

A criança na verdade está sempre pronta para viver suas faltas; a questão é como a mãe recebe e administra esse momento.

Uma mãe angustiada ou ansiosa que tem dificuldade de lidar com suas próprias questões afetivas não suportará a demanda do filho. Assim, antes amamentava indiscriminadamente para afastar sua própria angústia, e agora oferece a chupeta, antes mesmo que a falta apareça. O que seria isso para a formação do aparelho psíquico? Como vimos, é na “falta”, na frustração, que o “eu” começa a se desenvolver. Quando o desprazer aparece, as energias internas advindas das forças instintivas entram em funcionamento no sentido

de buscar alívio. Nesse caminho, impulsionado pelo sofrimento, o bebê vai aprendendo a desenvolver outras formas de lidar com a angústia provocada pela descompensação interna.

Uma criança que “aprende”, a cada falta, a sugar a chupeta, antes mesmo que a angústia apareça, perde a oportunidade de experimentar-se, inquietar-se.

A criança pensada pela psicanálise passa por vários momentos difíceis que vão alicerçando sua estrutura psíquica. Sem sentir a angústia da falta, utilizando um recurso tipo “chupeta”, o processo de formação do aparelho psíquico fica prejudicado, debilitando o “eu”.

É claro que todos nós temos as nossas saídas tipo “chupeta”; o problema é não acreditar, não investir em outras formas que trarão novos caminhos, apesar do risco de novas frustrações. O nocivo para o desenvolvimento psicológico não é o uso da chupeta, mas o que ela significa, em que momento e de que forma passa a fazer parte da vida da criança.

## Conclusão

Uma conclusão possível seria que o nível de investimento que fazemos no mundo depende diretamente de quanto pudemos ter acesso à angústia da falta. Se a “falta” é evitada, o “ego” empobrece tanto quanto se ela é extrema.

Piera, em seu texto “condenado a investir”, levanta essa questão. “Todos somos condenados a investir no outro, para podermos ‘ser’. Na medida em que busco o ‘outro’, encontro a mim, em minhas carências, dúvidas e projeções.”

Na medida em que usamos nossas “chupetas” estamos investindo, sim, mas na linha do afastamento do que realmente nos aflige, e nela só encontramos o de sempre, “alívio imediato”; apesar de muitas vezes ser a única saída possível, o retorno da angústia é inevitável.

Temos novamente um círculo vicioso. Se a criança usa a chupeta para aliviar o incômodo, afasta-se também de uma nova experiência que fortaleceria o “eu”, levando à sensação de impotência. Com baixa autoestima, o incômodo aumenta, aumentando a necessidade de satisfação e levando-a de volta à chupeta. Em um estudo publicado na revista médica britânica “The Lancet”, pesquisadores da Universidade de Southampton disseram que a chupeta tranqüiliza as crianças com tanto êxito que as torna menos receptivas a estímulos, concluindo que bebês acostumados a chupetas desenvolvem menos a inteligência. Os pais que fornecem chupetas também seriam menos dispostos a estimular seus filhos.

A pergunta que ainda fica é por que esses pais seriam menos dispostos a estimular seus filhos. As relações variam de acordo com a estrutura psíquica desses pais. Na verdade o uso da chupeta pode ter vários motivos; por exemplo: quando uma criança recebe a chupeta da mãe assim que sai da escola, recebe também esse "alívio imediato", na medida em que o oferece também à mãe. Uma criança saciada não pode falar de quanto ficou bem na escola sem a mãe ou mesmo de quanto se sentiu abandonada. O investimento da criança na mãe é interrompido, como forma de aliviar a tensão do encontro. Ambas se acalmam o bastante para não tocarem no assunto, pelo menos naquele momento.

Pais angustiados ou ansiosos, que têm dificuldades de lidar com suas próprias faltas, não suportarão vê-las no filho.

Pais que se sentem culpados pelo desamparo do filho, talvez porque em algum lugar o rejeitaram, encontrarão dificuldades em suportá-lo perdido, buscando saída.

Pais que não querem perder seu "bebê" não deixarão que ele viva formas mais desenvolvidas de lidar com suas inquietações.

E tantas outras causas, uma vez que cada história pessoal é única.

## SUMMARY

Anxiety generation in parents and a study object by pediatricians, dentists and phonocardiologists, the dummy has been considered, in a concrete form, harmful to the physics aspects of the childhood.

Through a reflection, focused on the psychological of both child and mother, the dummy gets other dimensions in this article that puts it in the conflicted and anguished relation lived by children on their first months of life, justifying its use, or not, and its future consequences.

## KEY WORDS

Dummy.

## Bibliografia

1. Aulagnier P - Uma Intérprete em Busca de Sentido.
2. \_\_\_\_\_: - A Violência da Interpretação.
3. Freud S - Sobre o Narcisismo.
4. Spitz R A. Primeiro Ano de Vida da Criança &
5. The Lancet, volume IV: 8-12, 1995.

## Endereço para correspondência

Rua Cristiano Viana, 857  
05411-001 - São Paulo - SP